



RELAÇÃO ENTRE O DESEMPENHO NA PISTA DE CIRCUITO TÁTICO E CAPACIDADES FÍSICA EM OPERADORES DE ATENDIMENTO PRÉ-HOSPITALAR TÁTICO DA FORÇA AÉREA BRASILEIRA

Lúcio Mauro Campos da Silva Junior¹
Adriano Percival Calderaro Calvo²
Adriano Joaquim dos Santos³
Renato Massafferri⁴

A busca e salvamento em combate (CSAR) é uma das ações operacionais realizadas pela Força Aérea Brasileira (FAB). Nela, o atendimento pré-hospitalar tático (APHT), que consiste na manutenção da vida de feridos em território hostil durante o combate, revela-se como uma função de grande relevância. Na mesma medida, exige dos operadores de APHT uma elevada capacidade física para o emprego eficaz da sua função. Portanto, é crucial conhecer as demandas específicas dessa atividade para um bom planejamento e avaliação do treinamento físico para esse público. Estudos prévios apontam que elevados níveis de força no exercício *deadlift* se relacionam com melhor desempenho em tarefas comuns de combate militar. Por isso é válido investigar se há exercício ou capacidade física específica preditora do desempenho em pista tática de combate completa, onde ocorre o efeito residual da fadiga aguda nas tarefas subsequentes. O objetivo do estudo é elacionar testes de capacidades físicas (TCF) com o desempenho na pista tática completa (PTC) e com o delta entre a PTC comparada a pista tática fracionada (PTF), em operadores de APHT da FAB. Voluntariaram-se 17 operadores de APHT da FAB (32,5±6,4 anos; 78,3±6,6 kg) para a presente pesquisa. O estudo foi dividido em 3 visitas com intervalo entre 48 e 72h entre elas: i) anamnese, TCLE e teste capacidades físicas; ii) teste em pista completa e iii) teste em pista fracionada. TCF: Carga para 5 repetições máximas (RM) no *deadlift* (DL), máximo de repetições no *leg tuck*, tempo máximo na prancha frontal e altura do salto contra movimento (SCM). A PTC era composta de três tarefas de combate relevantes: *Sprint* de 30m, 27m em corrida com mudanças de direção (zigzag) e 10m de arrasto do boneco de 80 Kg. Todas as pistas eram executadas com o operador portando um fuzil calibre .556, colete tático com placa balística e capacete balístico. Para avaliar o desempenho na PTC foram feitas tomadas de tempo de 3 passagens completas, enquanto na PTF, a tomada de tempo foi realizada uma vez e de forma fracionada (uma para cada das 3 tarefas, com intervalo de 5 min entre elas) e somadas ao final. A normalidade dos dados foi confirmada pelo teste de Shapiro Wilk. Para testar a relação entre o desempenho nos TCF *vs.* e o desempenho na PTC e *vs.* o delta entre o desempenho na PTC e na PTF, foi realizada a correlação de Pearson. Como resultados, a altura do SMC de correlacionou com as três passagens na PTC (R = -0,51 [p = 0,04]; R = -0,48 [p = 0,04]; R = -0,51 [p = 0,03]) e com o delta entre a PTF e a primeira e a terceira passagens da PTC (R = -0,68 [p = 0,004]; R = -0,48 [p = 0,04]), enquanto a sobrecarga

¹ Mestrando do Curso de Pós-Graduação em Desempenho Humano Operacional da Universidade da Força Aérea - UNIFA, lmcampossilvajr@gmail.com;

² Docente do Curso de Pós-Graduação em Desempenho Humano Operacional da Universidade da Força Aérea - UNIFA, percivalcalvo.fab@gmail.com.

³ Mestrando do Curso de Pós-Graduação em Desempenho Humano Operacional da Universidade da Força Aérea - UNIFA, adrianoajs302@gmail.com.

⁴ Docente do Curso de Pós-Graduação em Desempenho Humano Operacional da Universidade da Força Aérea - UNIFA e Orientador do trabalho, renatomassafferri@gmail.com.



para 5RM no DL se correlacionou com o desempenho da terceira passagem na PTC ($R = - 0,5$ [$p = 0,04$]). Portanto, para operadores de APTH na FAB, a força no DL e capacidade de saltar são importantes preditores do desempenho na PTC, bem como da capacidade de tolerar a perda de desempenho na PTC quando comparado a seus desempenhos na PTF.